

## UMA INTRODUÇÃO AOS GRUPOS OPERATIVOS: TEORIA E TÉCNICA

Pablo Castanho<sup>1</sup>

### Resumo

No Brasil e no mundo, atualmente são muitos os profissionais que trabalham com pequenos grupos. Ao menos entre nós, o trabalho é muito frequentemente realizado de modo empírico, sem o suporte de uma teoria de grupo. O referencial de Grupos Operativos é muito evocado, porém pouco conhecido de fato. Nos casos em que o profissional busca saber sobre essa abordagem, costuma encontrar dificuldades grandes para integrar à sua prática o conhecimento atualmente disponível nos textos em português. Este artigo representa uma estratégia para uma primeiríssima leitura introdutória sobre os Grupos Operativos. Nele, visamos um recorte sintético e funcional dos conceitos, noções e pressupostos estruturantes da teoria dos Grupos Operativos e da técnica dos Grupos operativos de Aprendizagem. Tais elementos são apresentados em suas relações com outras teorias e em especial com a perspectiva psicanalítica de grupo. Assim, introduzimos o Grupo Operativo comprometidos com seu caráter prático e destacando sua inserção histórica no ramo das teorias psicanalíticas de grupo.

**Palavras-chave:** Grupos Operativos – Psicanálise de Grupo – Psicoterapia de Grupo – Dinâmica de Grupo – Pichon-Rivière

### An Introduction to the Operative Groups: Theory and Technique

#### Abstract

There are many professionals who work with small groups nowadays in Brazil and around the world. At least among us, such work is very frequently conducted empirically, with no reference to any group theory. The Operative Group approach is very commonly mentioned in such work, but not much known in reality. Even when the professional is committed to start learning about it, she (or he) usually has major difficulties in integrating the knowledge available in the texts in Portuguese into his work. This paper represents a strategy for a very first, short and practical introductory reading on Operative Groups. We aim at a synthetic and functional selection of concepts, notions and assumptions which structure the Operative Group's theory and the Learning Operative Group technique. Such elements are presented in their relation to other theories and especially in relation to the psychoanalytical perspective on groups. We thus introduce the Operative Groups committed to its practical value and highlighting its historical insertion in the branch of group psychoanalysis.

**Keywords:** Operative Groups – Group Psychoanalysis – Group Psychotherapy – Group Dynamics – Pichon-Rivière

---

<sup>1</sup>Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestre em Psicologia Social pela USP, doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. E-mail: [pablogc@terra.com.br](mailto:pablogc@terra.com.br)

## Una Introducción a los Grupos Operativos: Teoría y Técnica

### Resumen

En Brasil y en el mundo, son muchos los profesionales que trabajan con pequeños grupos. Al menos en Brasil, el trabajo es frecuentemente realizado de modo empírico, sin el soporte de una teoría de grupo. El abordaje de los Grupos Operativos es muy nombrado entre nosotros pero poco conocido de hecho. En los casos en los cuales el profesional busca saber sobre este abordaje, parece tener mucha dificultad para integrar el conocimiento actualmente disponible en los textos en portugués a su práctica. Este artículo es una estrategia para una primerísima lectura introductoria sobre los grupos operativos. En este texto intentamos un recorte sintético y funcional de los conceptos, nociones y presupuestos de la teoría de Grupo Operativo y técnica de Grupo Operativo de Aprendizaje. Estos elementos son presentados en sus relaciones con otras teorías y en especial con la perspectiva psicoanalítica de grupo. Así introducimos al Grupo Operativo comprometidos con su carácter práctico y de modo a destacar su inserción histórica en el área de las teorías psicoanalíticas de grupo.

**Palabras Clave:** Grupos Operativos – Psicoanálisis de Grupo – Psicoterapia de Grupo – Dinámica de Grupo – Pichon-Rivière

### Introdução

O manejo de grupos restritos (até 25 pessoas)<sup>2</sup> é parte do trabalho de vários profissionais nos dias de hoje. Neste texto nos preocuparemos sobretudo com aquele trabalho que tem dentre seus objetivos a promoção do bem-estar psíquico dos membros do grupo. Esse tipo de trabalho nos remete a concepções mais ou menos conscientes sobre o estar humano em conjuntos e sobre os modos e objetivos de intervenções nesses conjuntos. Temos como proposta apresentar neste texto um pequeno número de conceitos centrais que instrumentalizem uma ação e uma reflexão sobre os grupos. Recorreremos primordialmente às ideias de Pichon-Rivière, mas o faremos de modo a recuperar suas raízes tanto em estudiosos do grupo que o precederam como em campos afins do conhecimento. Assim, esperamos oferecer não só as balizas para uma prática de grupo operativo, mas também situar estes conhecimentos em algumas de suas filiações. Por vezes também nos referimos a autores posteriores a Pichon-Rivière, de modo que apresentamos esse autor como elemento ou elo de uma corrente mais ampla.

Nessa corrente gostaríamos de destacar o campo das teorias psicanalíticas de grupo (KAËS, 1993, 1999, 2007) cuja apresentação constitui um importante subproduto do texto ao estabelecer diálogos entre diferentes pesquisadores de influência psicanalítica. As referências a Kurt Lewin, à *Gestalt* e à dialética são também importantes na medida em que contribuem para o estabelecimento de outros diálogos.

---

<sup>2</sup> Conforme definição de Anzieu e Martin (2000).

## O Indivíduo e o Grupo

Tradicionalmente, a psicanálise, através de seu método e de seu aparato teórico, constituiu e tomou a categoria do sujeito particular como seu objeto primordial de intervenção. O sofrimento psíquico a ser tratado é aquele “localizado” em determinada pessoa que se apresenta ao tratamento. O pensamento de Pichon-Rivière altera essa percepção ao propor um olhar duplo sobre o grupo e os sujeitos. Pichon-Rivière propõe que, ao pensarmos o que ocorre em um grupo, tenhamos em mente sempre dois eixos, assim nomeados e definidos:

1) vertical: assinala tudo aquilo que diz respeito a cada elemento do grupo, distinto e diferenciado do conjunto, como, por exemplo, sua história de constituição e seus processos psíquicos internos;

2) horizontal: refere-se ao grupo pensado em sua totalidade.

## Investigações Psicanalíticas em Grupo e a Ideia do Grupo como Diferente da Soma de seus Membros

Ao apresentar os dois eixos propostos por Pichon-Rivière, nossa experiência didática tem mostrado que o eixo horizontal suscita bastante estranheza e muitas dúvidas naqueles que adentram o campo dos estudos grupais pela primeira vez. Talvez porque nossa cultura sublinhe de tal modo a dimensão individual da existência que seja difícil, para nós, lidar com a ideia de que o grupo seja algo diferente da soma dos indivíduos que o compõe. De fato, cremos que essa noção de horizontalidade, em suas diversas formas, seja um grande “achado” dos pesquisadores do campo. Ela estava ausente nas primeiras tentativas de realizar um trabalho psicanalítico em situação de grupo, como as empreendidas por T. Burrow, S.-R. Slavson, K. Redl, entre outros. Entretanto, a concepção de que o grupo é diferente da soma dos seus membros figura em todos os momentos fundadores (expressão de René Kaës) das teorias psicanalíticas de grupo. Está presente já nos anos 1940, na Inglaterra, nos trabalhos de Foulkes e de Bion; nos anos 50, na Argentina, com Bleger e o próprio Pichon-Rivière; e a partir dos anos 60, na França, com Anzieu e Kaës.<sup>3</sup> É bem verdade que os modos pelos quais é pensada e formulada variam enormemente ao longo da história do campo, constituindo razão de importantes diferenças entre autores (veja-se o histórico do campo em KAËS, 2007). A influência da teoria da *Gestalt*, através dos trabalhos de Kurt Lewin sobre os grupos, é inegável ao discutirmos esse assunto. Não que haja um consenso sobre a *Gestalt* no campo grupal, mas entre acordos e desacordos ela se faz sempre presente nas discussões sobre grupo em geral, tanto na psicanálise quanto fora dela. Para Pichon-Rivière, a *Gestalt* é um importante ponto de apoio para suas próprias ideias, razão pela qual a detalharemos a seguir.

### *Gestalt*

A teoria da *Gestalt* postula que o todo é mais do que a soma das partes. Por exemplo, se uso quatro retas para desenhar um quadrado, o quadrado não é a mera soma das quatro retas, o que fica

---

<sup>3</sup> Essa cronologia corresponde à proposta por Kaës em diferentes momentos de sua obra (por exemplo em KAËS, 1993 e 1999). Porém, em 2007, Kaës passa a tomar como critério em sua cronologia as primeiríssimas experiências de Pichon-Rivière com grupos, colocando-o assim em posição anterior aos trabalhos de Foulkes e Bion. No entanto, o meticuloso trabalho de Fernando Fabris (2007) sobre o desenvolvimento do pensamento de Pichon-Rivière indica que, se o autor já trabalhava com grupos desde os anos 40, os eixos conceituais que levariam à proposta dos grupos operativos surgem apenas na segunda metade da década de 50.

claro se as disponho de modo paralelo. Mais do que isso, postula-se que elementos podem ser suprimidos da ou adicionados à percepção em função de leis de formação da figura (ou *Gestalt*) percebida. É fácil notar que, no campo em questão, uma concepção fundada nesses princípios diria que o grupo é mais do que a soma de seus participantes. Investigar o grupo inspirado por essa perspectiva implica em considerações específicas sobre metodologia. Ao discutir como fazer a observação de um grupo, Kurt Lewin comenta:

Podemos assumir que o grupo tenha cinco membros e que cinco observadores estejam disponíveis. Pode parecer que o caminho mais simples seja sempre o de designar um observador para cada membro do grupo. Entretanto, o resultado seria, na melhor das hipóteses, cinco microbiografias paralelas de cinco indivíduos. Esse procedimento não permitiria um registro satisfatório mesmo de fatos tão simples da vida do grupo como a sua organização, seus subgrupos e as suas relações líder-membro, sem falar de fatos tão importantes como a atmosfera geral. Portanto, ao invés de designar um indivíduo para cada observador, um observador foi encarregado de registrar de minuto em minuto a organização do grupo em subgrupos; outro, as interações sociais etc. Em outras palavras, ao invés de observar as propriedades dos indivíduos, as propriedades do grupo foram observadas enquanto tais (LEWIN, 1948, p. 73, tradução nossa).<sup>4</sup>

Também inspirado pela *Gestalt*, e diferentemente de Kurt Lewin, preocupado com o desenvolvimento e exercício de uma psicoterapia de grupo, encontramos S. H. Foulkes. Foulkes iniciou seu trabalho em Londres, no hospital de Northfield, na mesma época e local que W.R. Bion realizava seus experimentos com grupos. Entretanto, ambos desenvolveram suas teorias e práticas de modos paralelos.

É interessante notar a clareza com que Foulkes define seu objeto de estudo em um texto escrito em parceria com seu seguidor Anthony:

Essas relações e esses eventos existem literalmente entre duas ou mais pessoas; eles não ocorrem em uma pessoa ou em outra, mas podem apenas vir a existir através da interação de duas ou mais pessoas (FOULKES, ANTHONY, 1965, p. 258, tradução nossa).<sup>5</sup>

A maneira de compreender a aplicação do conceito de *Gestalt* aos grupos varia, e muitas vezes os autores que trabalham com essa concepção sentem a necessidade de negar o caráter “transcendental” ou “místico” que o conceito assume para muitos de seus críticos. É nesse sentido que Bion faz questão

---

<sup>4</sup> No original: “Let us assume that the club had five members and that five observers were available. It might seem the simplest way always to assign one observer to one member of the club. However, the result at best would be five parallel micro-biographies of five individuals. This procedure would not yield a satisfactory record even of such simple facts of the group’s life as its organization, its sub-groups, and its leader-member relationships, not to speak of such important facts as the general atmosphere. Therefore, instead of assigning every observer to one individual, one observer was assigned to record from minute to minute the organization of the group into sub groups, another the social interactions etc. In other words, instead of observing the properties of individuals, the properties of the group as such were observed”.

<sup>5</sup> No original: “These relationships and these events exist literally in between two and more people; they do not occur in one person or in another, but can only come to existence through the interaction of two or more people”.

de dizer que o grupo é mais do que a soma de seus membros, do mesmo modo que um relógio é mais do que a soma de suas peças. Para Foulkes, a analogia é com o sistema nervoso: o grupo é uma entidade distinta da soma dos indivíduos do mesmo modo que a soma dos neurônios não nos dá a compreensão direta sobre o psiquismo.

### Como “Ver” e Trabalhar com o Grupo? O Conceito de Porta-voz

Tendo definido o grupo como unidade de análise, diferenciando-o de uma simples soma de integrantes e focando nossa atenção no que ocorre *entre* os membros, e não em cada um, pode agora surgir o questionamento de como a entidade “grupo” se expressa, ou seja, se dá a conhecer ao coordenador. Em Foulkes e Anthony encontramos uma postulação que será nosso ponto de partida para a discussão do conceito pichoniano de porta-voz.

Eles falam através de uma boca, agora através de outra. Correntes ativas dentro do grupo podem ser expressas ou vir à cabeça de uma pessoa particular, entre pessoas em particular, ou podem, em certo sentido, serem “personificadas” em indivíduos. Mas o que quer que seja que esteja acontecendo no grupo é sempre encarado por nós como um processo desenvolvendo-se no grupo total. (FOULKES, ANTHONY, 1964, p. 259, tradução nossa)<sup>6</sup>

Assim, o que uma pessoa diz, pensa ou sente em um grupo deve ser compreendido como comunicando algo sobre o conjunto no qual está inserida. Em Pichon-Rivière, o conceito de porta-voz trará um refinamento dessa questão na medida em que passamos a compreender que as manifestações no grupo têm um plano horizontal (do grupo) e vertical (do sujeito). Não é acidental que um tema do grupo seja trazido por um ou outro integrante e seja apresentado de uma ou outra forma, o que seria devido às particularidades de cada integrante (plano vertical). Entretanto, será apenas com René Käs que a problematização da relação entre esses dois níveis será feita de modo extenso e constante.

O que acontece com uma pessoa em um grupo comunica algo do conjunto. Por exemplo, quando se quer a exclusão de alguém do grupo devemos pensar sobre o que o grupo está comunicando nesse momento. Uma hipótese corrente é a de que haja uma dificuldade do grupo inteiro de lidar com algum aspecto que aquela pessoa mobiliza; poderíamos também pensar que haja aí uma fantasia de que o grupo possa ser purificado através da expulsão de um membro, entre outras tantas possibilidades.

O que acontece com uma pessoa em um grupo é que às vezes ela fica doente. Essa doença também comunicaria algo dos grupos dos quais a pessoa faz parte. É assim que Pichon-Rivière (1985) diz que a doença mental é o emergente (aquilo que surge de um conjunto) de um grupo familiar, e o doente, o porta-voz de uma problemática desse mesmo grupo. Dentro dessa concepção, Pichon-Rivière apresenta a prática do grupo operativo com uma família como uma estratégia válida no curso do tratamento de um membro familiar doente. (Veja-se “Empleo del Tofranil en psicoterapia individual y grupal”, em PICHON-RIVIÈRE, 1985). Desta forma, o adoecimento é visto e tratado em sua dimensão grupal.

---

<sup>6</sup> No original: “They speak through one mouth, now through another. Active currents within the group may be expressed or come to a head in one particular person, between particular persons, or may, in a sense, be 'personified' in individuals. But whatever is going on in the group is always regarded by us as a process developing in the total group”.

Portanto, o conceito de porta-voz não se refere apenas à “voz”, algo que é comunicado oralmente, mas a tudo que ocorre a um determinado elemento do grupo que nos remeta ao conjunto no qual está inserido, ou seja, toda forma de conduta. Para minimizar mal-entendidos neste ponto, René Kaës grafa como *porte-voix* a tradução ao francês do termo pichoniano, diferenciando-o do termo francês *porte-parole*, que, em língua corrente, não especializada, seria a tradução habitual de *porta-voz*. Deste modo, fará sentido, no pensamento kaësiano, falar também de diferentes “portadores”, como o porta-sintoma, o porta-ideal, o porta-sonho, o porta-silêncio etc.

O porta-sintoma refere-se, por exemplo, àquele que adoece em um grupo. Já o conceito de porta-sonho redireciona a tradição iniciada por Freud de focar a dimensão privada do sonho, lançando luz sobre suas relações com a intersubjetividade e a cultura. (KAËS, 2002).

Podemos ilustrar essa ideia com um exemplo ocorrido nos primeiros meses de faculdade da turma à qual pertenceu o autor deste texto. Havíamos acabado de dar início ao curso de psicologia. Após um árduo vestibular, chegávamos à USP como uma espécie de Terra Prometida, habitada supostamente pela excelência de ensino. No segundo ou terceiro mês, inicia-se uma greve e, nas assembleias, destilam-se progressivamente toda uma miríade de problemas do ensino público e de nossa unidade. Em um momento inicial desse processo, um colega nosso sonha que estávamos todos em um barco chamado “psicologia” que estava afundando. Esse sonho passa de boca em boca, aparentemente oferecendo a todos uma representação, até então indisponível, para o que vivíamos: a nossa Terra Prometida se revelava um “barco furado”. Para muitos, representação interdita até aquele momento pelo imaginário social ligado à universidade que sustentava e justificava o imenso esforço realizado para o ingresso por meio do vestibular.

De certa forma, o conceito de porta-voz, em sua amplitude, indica que uma “estrutura” grupal sustenta um acontecimento individual, inclusive o adoecimento. A hipótese de trabalho de autores como Foulkes e Pichon-Rivière é, então, que a saúde psíquica dos membros do grupo pode ser promovida por intervenções destinadas a alterar essa “estrutura” grupal. O trabalho com o grupo é um meio para se atingir uma melhora dos seus membros.

### **Pichon-Rivière: da *Gestalt* à Dialética Materialista**

O termo *Gestalt* é bastante empregado por Pichon-Rivière no início de seu trabalho com grupos, vindo depois a ser substituído pelo termo *Gestaltung*. Vejamos o que o próprio Pichon-Rivière tem a dizer a este respeito:

Al comienzo de nuestra tarea aparecía continuamente la palabra *Gestalt* en términos de estructura o función. Pero al descubrir el carácter espiralado del proceso, que era un proceso continuo, teníamos que darle una significación particular. Incluso los mismos psicólogos de la *Gestalt*, entre ellos Kurt Lewin, empezaron a tomar el término *Gestaltung* que tiene un parentesco con el término *Gestalt*, y que significa estructurando. (PICHON-RIVIÈRE, 2000a, p. 149)

O abandono do termo *Gestalt* se dá por seu caráter “estático”, que falha em transmitir algo absolutamente central no pensamento pichoniano, o movimento contínuo da dialética. Dialética esta que Pichon-Rivière gostava de representar como uma espiral ascendente, de onde a referência ao “caráter espiralado do processo”.

Mas o que significa “dialética”? Um rápido relance na história da filosofia nos permite identificar uma variedade bastante grande de acepções do termo. Em sentido amplo, diz-se que “[...] a dialética é a arte de discutir; tensão entre opostos” (ARANHA, 1993, p. 378). Sentido que provavelmente deve o termo ao seu estabelecimento na linguagem filosófica feito por Platão. Para o filósofo grego, a dialética era um modo de conhecimento. Argumentos inicialmente contraditórios eram confrontados através do diálogo e da conversa, podendo-se chegar a uma conclusão satisfatória para todas as partes envolvidas. Esse processo, dentro da concepção platônica de mundo, era a possibilidade da passagem do mundo sensível (da contradição inicial) ao mundo inteligível (visto como imutável). A dialética era, portanto, o modo de ascensão de um mundo ao outro.

Quando falamos de dialética em Pichon-Rivière, já não pensamos fundamentalmente nesta concepção. Há talvez algum traço desta forma de conceber a dialética no grupo operativo, na medida em que o grupo é lugar de conversa e de um conhecimento (“aprendizagem”, diria Pichon-Rivière) que se produz no encontro com outro. Formar um grupo é então dar possibilidade para a conversa e a tensão entre as contradições.

O termo “dialética” assume concepções muito diferentes nos períodos que se sucedem. Utilizado por Aristóteles, por filósofos medievais e por Kant, o termo ganha enorme força com Hegel, que o coloca no centro de seu sistema filosófico. Transformada por pensadores posteriores, é a chamada dialética materialista que se faz presente no pensamento de Pichon-Rivière. O termo “dialética materialista” foi cunhado por Engels para designar uma teoria geral do mundo, enquanto reservou o conceito de “materialismo histórico” para a teoria de evolução social presente em Marx.

A dialética é central na visão de processo grupal de Pichon-Rivière. Por isso iremos abordar esse conceito com mais detalhes optando didaticamente por expor e discutir as chamadas três leis da dialética, exemplificando com sua aplicação ao entendimento dos processos grupais.

## Leis da Dialética

**Lei fundamental da dialética:** A dialética postula que a realidade é contraditória em si e que os contrários se interpenetram, sendo impossível dividir uma unidade de análise de modo a eliminar a contradição. Disso decorre a negação da visão platônica de que a verdade seria a superação das contradições do mundo sensível, bem como uma opção ao formalismo aristotélico.

A todo elemento dado, que podemos representar pela letra *A*, existe um elemento que o nega, que poderíamos representar por *não A*. Assim, digamos que, se em um grupo todos começam a falar sobre como o grupo é maravilhoso e como tudo é bom nele, constituindo assim um emergente a ser trabalhado, a dialética nos diz que há um outro lado dessa questão. Há um *não A* (algo desagradável em relação a esse grupo) em algum lugar. Esse *não A* pode ter sido depositado em algum lugar fora do grupo (podem aparecer frases como “o outro grupo era ruim” ou “lá fora não é assim”) ou em algum outro lugar dentro (por exemplo, quando há sentimentos que poderiam ser expressos como “nós somos tão doentes, mas o grupo é tão bom” etc.).

**Lei da negação da negação:** Aceitar o caráter universal da contradição não significa abrir mão de elaborar suas manifestações particulares. De fato, pela dialética, quando um par antitético aparece, essa contradição pede uma resolução, resolução esta que não será um *meio-termo* do par antitético, mas algo que o substitua em um “nível mais elevado”. O verbo que Hegel utiliza em alemão é *aufheben*, que possui o significado de negação, de conservação e de elevação a um nível mais alto (ARANHA,

1993, p. 89; e também segundo o dicionário LANGENSCHIEDTS, 1999). Assim, temos uma tese (A), uma antítese (*não A*) e algo que supera essa contradição, ao qual poderíamos chamar síntese, ou superação, ou ainda ultrapassagem, e representar pela letra *B*, para fins didáticos.

Então teríamos: *A versus não A* □ (gerando) *B*.

Lembremos agora que a lei fundamental nos informa que a *B* corresponde um *não B*, constituindo-se um novo par antitético a ser superado (conforme a segunda lei) por um terceiro elemento, que poderíamos denominar *C*, que por sua vez reiniciaria o ciclo. Essa repetição de ciclos é representada por Pichon-Rivière pelo caráter circular do modelo da espiral. Por outro lado, este movimento não é meramente repetitivo, pois possui um sentido geral de desenvolvimento (implicado na ideia de *aufheben*), representado pelo caráter ascendente da espiral, bem como pelos círculos progressivamente maiores. Em termos de grupo, Pichon-Rivière diz que sempre há um aprendizado do grupo no momento da superação dialética. A contradição continuará a surgir e a exigir elaborações sempre diferenciadas, no entanto, a capacidade do grupo em lidar com essas situações vai sendo ampliada.

No exemplo que formulávamos anteriormente, o grupo que só via coisas boas em seu processo pode ser confrontado com a negação dessa ideia quando, por exemplo, um dos membros diz algo ruim sobre o assunto. É normal, nessas situações, que várias outras pessoas “peguem carona” nesse algo ruim e comecem a comentar sobre o assunto. O grupo pode rapidamente oscilar para a polaridade oposta e dizer que o trabalho não serve para nada. Estará nesse caso oscilando entre os elementos do par antitético e poderíamos dizer que não há um movimento real. O movimento se daria quando surgisse algo que estivesse para além dessa contradição. Dizer que esperamos que surja uma compreensão do grupo como contendo aspectos bons e ruins é pouco, pois não engloba os complexos aspectos emocionais e cognitivos subjacentes, aquilo mesmo que poderíamos chamar de elaboração psíquica do processo, bem como pode passar a ideia falsa de que podemos prever o modo da superação.

**Lei da transformação da quantidade em qualidade:** Um outro modo de descrever a superação é dizer que ela representa uma mudança de qualidade, e não só de quantidade, no processo. Instala-se assim uma ruptura, o par antitético que organizava a vida psíquica do grupo pode ser deixado para trás de modo que o grupo venha a ser organizado por um novo par. Esses são os momentos representados pela curva ascendente no modelo da espiral de Pichon-Rivière. Um exemplo bastante utilizado para a explicação desta lei é o da fervura da água. A água é esquentada progressivamente, o que podemos pensar como aumentos de quantidade, até atingir os 100 °C, quando entra em ebulição, passando do estado líquido para o gasoso, o que representa uma mudança de qualidade.

No caso do trabalho com grupos, o aumento da quantidade poderia dizer respeito a um aumento de intensidade e/ou variedade dos diversos elementos explicitados e vividos no grupo antes de uma mudança de qualidade ocorrer. Assim, intensificações de afetos, multiplicações de reflexões sobre o próprio grupo, emergência de fantasias etc. podem indicar esse período “cumulativo” do processo.

Por outro lado, a mudança da qualidade está ligada a ideia de superação dialética. Ela implicaria uma mudança de compreensão e vivência da situação que poderíamos chamar de *insight*. Por meio dessa superação o grupo passa a uma outra forma de se estruturar, a uma outra *Gestalt*. Mudam, por exemplo, as relações de interdependência estabelecidas, o clima do grupo etc.

Assim, a dialética nos fala não só do movimento inerente à realidade, mas do caráter descontínuo desse movimento. A história é povoada por revoluções, a ciência, por trocas de paradigmas, e a evolução psíquica, por *insights*.



## **Considerações sobre o Caráter Materialista da Dialética utilizada por Pichon-Rivière**

Consideramos importante tecer algumas considerações sobre o caráter materialista da dialética utilizada por Pichon-Rivière. Com o termo “materialista” não nos referimos simplesmente ao que podemos tocar. Se assim fosse, teríamos que excluir, por exemplo, as emoções e a cultura, ambas fundamentais ao pensamento pichoniano. Acreditamos que o termo “materialista” em Pichon-Rivière deva ser visto antes de tudo como uma referência ao homem em situação. Trata das relações que se estabelecem no dia a dia e que tomam forma devido a uma infinidade de elementos, dentre os quais os papéis que são atribuídos à linguagem, à cultura e à história de um povo, à situação econômica, à história pessoal etc. Nesse sentido, o termo “concreto” ou “material” refere-se a um princípio de concatenação universal que se dá no momento e na história. Na visão pichoniana, a história é fundamental para compreender o presente e projetar o futuro. Assim, “material” é antes de tudo uma referência ao caráter multideterminado do homem no mundo em seu processo histórico.

### **Noção de Saúde**

A dialética é movimento, a enfermidade é a negação desse movimento. O movimento dialético, tal como vimos descrevendo nos grupos, pode ser interrompido, dando origem ao que Pichon-Rivière chama de estereotipia. A saúde psíquica, como Bleger afirma em *Psicohigiene y Psicología Institucional* (1999a), não deve referir-se somente à ausência de patologias, mas é também tributária do movimento da espiral dialética. Fazer com que os papéis circulem dentro do grupo, superar as estereotípicas, gerar novas possibilidades de compreensão: essas são as formas que assume a promoção da saúde dentro do grupo operativo.

Mas o que leva à paralisação da espiral? Para Pichon-Rivière é a fantasia inconsciente que impede o desenrolar do processo. Fantasia inconsciente que remeteria, em última análise, a angústias depressivas e paranoides relativas à mudança. As depressivas existiriam porque todo salto qualitativo da dialética implica a perda de uma situação anterior (e de um tipo de vínculo com o mundo construído nela); as paranoides, porque entramos em uma situação psicologicamente nova, para a qual não nos sentimos preparados.

### **O Dispositivo do Grupo Operativo de Aprendizagem**

Primeiramente, é útil a distinção entre um uso genérico e outro restrito do termo “grupo operativo”. Em um sentido abrangente podemos chamar um grupo de operativo na medida em que nele identificamos o acontecer da espiral dialética. Já em um sentido estrito, nos referimos a “grupo operativo” como técnica de intervenção.

Como técnica de intervenção, tomaremos como referência para este trabalho o dispositivo utilizado no processo de formação dos coordenadores de grupo operativo, denominado de “grupo operativo de aprendizagem”. Notemos que, até onde pudemos averiguar, essa é a única modalidade de grupo operativo cuja técnica é detalhada na literatura e no processo de formação de coordenadores pichonianos.<sup>7</sup> Sublinhemos que o termo “aprendizagem”, em Pichon-Rivière, corresponde ao que

---

<sup>7</sup> Ainda assim as referências são escassas. Remetemos o leitor ao trabalho de Tubert-Oklander e Tubert (2004), para uma apresentação dos Grupos Operativos de Aprendizagem, e a Manigot (1988), para uma problematização do seu uso fora do

descrevemos como o movimento da espiral dialética no grupo, portanto, deve ficar claro que o “grupo operativo de aprendizagem” não tem sua aplicação restrita aos contextos de educação formal, mas diz respeito a uma possibilidade de intervenção em qualquer campo da vida social. O dispositivo do grupo operativo de aprendizagem é idealmente composto por até 15 integrantes e ao menos dois profissionais responsáveis na função de coordenadores ou de coordenador e observador.<sup>8</sup> Uma duração entre uma hora e uma hora e meia é normalmente recomendada, mas, em nossa experiência, grupos significativamente mais curtos se justificam em algumas circunstâncias. Como qualquer grupo, o grupo operativo de aprendizagem reúne-se para a realização de uma tarefa, um objetivo a ser realizado, compartilhado por todos. As tarefas podem ser coisas muito diversas, como a realização de um trabalho, o estudo ou a terapia. A técnica de grupo operativo caracteriza-se como terapia quando a tarefa explícita do grupo é essa. Entretanto, em todos os outros casos o grupo operativo também pode ser realizado com ganhos psíquicos para seus membros. Não existe, para Pichon-Rivière, uma incompatibilidade *a priori* entre fazer algo, realizar um trabalho e o desenvolvimento psíquico. Vejamos o que Bleger comenta a esse respeito:

No hay ningún instrumento que funcione sin el ser humano. Nos oponemos a la vieja ilusión, tan difundida, de que una tarea se realiza mejor cuando se excluyen los llamados factores subjetivos y solo se la considera ‘objetivamente’; por el contrario, afirmamos y sostenemos operativa, prácticamente, que el más alto grado de eficiencia en una tarea se logra cuando se incorpora sistemáticamente a la misma al ser humano total. (BLEGER, 1999b, p. 57)

### **A Tarefa como um “Disparador” de Pensamentos, Sentimentos e Ações**

Isto não significa dizer que qualquer “fazer” tenha efeitos terapêuticos. O conceito de tarefa em Pichon-Rivière é complexo e fruto de muitos mal-entendidos. Muitas pessoas acham que, se o grupo realiza a tarefa explicitamente colocada, então o grupo trabalhou de modo operativo, e a saúde mental de seus membros está sendo promovida. A despeito de algumas brechas que de fato podemos encontrar no pensamento de Pichon-Rivière dando apoio a essa leitura, acreditamos que ela não se sustente no conjunto da obra. Para esclarecermos esse ponto, um texto particularmente interessante é “La noción de Tarea en Psiquiatría” (PICHON-RIVIÈRE, 1985). Nesse artigo, Pichon-Rivière e Bauleo expõem a dissociação como característica da pré-tarefa (aquilo que, como o próprio nome diz, se opõe à tarefa): “Además es en esta pretarea donde se observa un juego de disociaciones del pensar, actuar e sentir, como formando parte también de los mecanismos antes enunciados [*mecanismos de defensa*]” (PICHON-RIVIÈRE, 1985, p. 34, parênteses nosso).

Essa dissociação pode permitir a realização da tarefa explicitamente colocada, porém sem a elaboração psíquica concomitante. Pichon-Rivière prevê esta possibilidade e reserva o termo “tarefa” somente para quando houver elaboração psíquica. Essa compreensão é evidente no seguinte trecho do próprio Pichon-Rivière:

---

contexto da formação de coordenadores de grupo e da influência do contexto histórico argentino no desenvolvimento desse dispositivo.

<sup>8</sup> A tradição afirma a pertinência dos papéis de coordenador e observador. Manigot (1988) indica que este último é pouco usado em situações que não sejam de formação de coordenadores de grupo nem de pesquisa. A nosso ver, ainda que não seja o ideal, a existência de ao menos um coordenador é suficiente para que o dispositivo possa ser caracterizado como um grupo operativo de aprendizagem.

**El momento de la tarea consiste en el abordaje y elaboración de ansiedades y la emergencia de una posición depresiva básica**, en la que el objeto de conocimiento se hace penetrable por la ruptura de una pauta dissociativa y estereotipada, que se ha funcionado como factor de estancamiento en el aprendizaje de la realidad y de deterioro en la red de comunicación. (PICHON-RIVIÈRE, 1985, p. 35, grifo nosso)

Assim, a visão de saúde de Pichon-Rivière pressupõe uma ação humana em que figurem integradamente o sentir, o pensar e o agir. Só quando há essa integração é que se pode falar de tarefa. Sublinha-se ainda que, na visão pichoniana, como Bleger já havia aludido antes, o natural seria a integração dessas esferas, sendo a dissociação um mecanismo de defesa acionado para a proteção contra as angústias que circulam entre elas. É nesse registro, da “alienação” ou fragmentação do membro do grupo, que se coloca o problema pichoniano da “impostura”. Como define o próprio autor:

Se nos presenta en esas semiconductas de la pretarea el problema de la **impostura**. Si la significación está reducida y el sujeto no presenta la opacidad que su presencia requiere, hay una cierta transparencia. En su cuerpo la decantación significativa se efectúa con falta de totalidad. El sujeto es una burla de sí, su “negativo”. Le falta la revelación de sí mismo, su denominación como hombre. La situación se le presenta con un dejo de extrañeza y es esa extrañeza la que lo desespera, acudiendo para sobrellevarla a comportamientos extraños a él como sujeto, pero afines con él como hombre alienado. (PICHON-RIVIÈRE, 1985, p. 34, destaque nosso)

Retomando o registro do processo grupal, essas ressalvas fundamentais quanto ao conceito de “tarefa” encontram no pensamento de Pichon-Rivière um termo próprio, o “como se”. O “como se” é uma falsa tarefa, pois dela tem apenas a aparência, estando a elaboração psíquica totalmente ausente. O “como se” pode se apresentar na forma de realizações “pragmáticas” ou mesmo como o simulacro de um grupo operativo, onde os sentimentos expressos e as associações disponibilizadas são apenas “da boca para fora” e estão na verdade a serviço de “apaziguar” o coordenador, defender o grupo contra suas possíveis interpretações, que poriam os membros do grupo em contato com suas angústias.

Podemos estipular que el “como si” aparece a través de conductas parcializadas, dissociadas, semiconductas –podríamos decir– pues las partes son consideradas como todos. Los aspectos manifiestos y latentes son imposibles de integrar en una denominación total que los sintetice. (PICHON-RIVIÈRE, 1985, p. 34)

A importância de abordar essa dimensão da tarefa em uma introdução ao grupo operativo se impôs ao autor deste texto em função de uma experiência em uma oficina sobre grupos operativos. Após uma aula introdutória sobre o assunto, foi proposto um grupo de elaboração de aprendizagem. Ou seja, um grupo operativo de aprendizagem com a tarefa de discutir o que fora apresentado na aula. Após uma dificuldade inicial, alguns alunos trazem lembranças de outro curso que teriam feito sobre o tema do grupo operativo. Em seus discursos, enfatizam a tarefa e a descrevem como algo bastante objetivo. Controlam-se de modo a evitar que qualquer membro saia destas referências racionais. O coordenador tem a impressão de que as pessoas parecem pouco confortáveis sentadas em círculo

olhando umas para as outras. Nota que alguns membros mostram-se extremamente desconfortáveis, como se tivessem medo de algo, mas estes, quando tentam falar, são cortados pelos colegas. O coordenador intervém no grupo dizendo que talvez haja algo que incomode bastante no tema “grupo” e que seja difícil falar disso. Alguém no grupo comenta sobre um desenho que havia feito em grupo recentemente e descreve-o como uma espécie de monstro. Aos poucos, outros podem falar de angústias de estar em grupo, surgem termos como “aniquilamento” e “dissolução”. São feitas algumas relações com o conteúdo da aula ministrada. O monstro inicialmente apresentado pode então ser nomeado como um “monstro disforme”. O tempo para o grupo operativo termina e, dentro do cunho pedagógico da proposta, discutimos um pouco sobre o que ocorreu. Uma parte do grupo defende que havíamos fugido da tarefa, pois não havíamos discutido os temas da aula, outra parte discorda. Concordamos com esta segunda visão, pois, em vista do que apresentamos neste texto, a fuga da tarefa teria ocorrido se tivéssemos ficado restritos à discussão racional dos temas da aula. Uma vez que a tarefa seja enunciada, ela suscita e mobiliza fantasias no grupo que são exatamente aquilo que tem que ser explicitado para que a tarefa possa ser cumprida sem dissociação entre sentimentos, pensamentos e ações (questo fundamental para a elaboração psíquica e, portanto, para todo o trabalho de grupo operativo). Estar em tarefa implica seguir o fluxo associativo inconsciente intersubjetivo que a tarefa dispara no grupo. Prender-se ao enunciado explícito pode ser um modo de evitar a angústia suscitada por ele, caso em que constituiria uma forma de pré-tarefa. Deve-se ter em mente a concepção dialética de Pichon-Rivière de uma espiral sem fim (a dialética não termina, seu movimento é sua essência e sua identidade) – nesta perspectiva, o fundamental é colocar-se no caminho da tarefa. Claro que muitas vezes o “caminho” da tarefa inclui prazos, que têm que ser objeto de discussão no grupo, para serem confirmados ou repudiados.

Para terminar este tema é interessante pensar que, quando propomos uma atividade lúdica ou expressiva em um grupo, estar em tarefa não é somente realizar o proposto; de fato, por vezes a proposta é apenas um meio para que se trabalhem determinados aspectos internos e vinculares. Cito o exemplo de um grupo que coordenamos, no qual apenas alguns membros falavam o tempo todo. Averiguamos que estes já se conheciam de muito antes de o grupo ter sido formado, enquanto os mais quietos eram, na maioria dos casos, estranhos uns aos outros. Julgando que pudesse se tratar de uma espécie de “inércia”, dividimos os membros do grupo em pares e propusemos que conversassem por dois ou três minutos e depois reportassem ao grupo o conteúdo de cada conversa. A proposta pareceu “cair como uma pedra” no grupo. Passamos o resto do grupo rastreando os sentimentos e fantasias disparadas por nossa proposta. Rapidamente explicitou-se o medo de ser invadido ou invadir o outro e emergiram várias lembranças de momentos em que a fala do outro foi devastadora para si ou, de modo inverso, mesmo sem nenhuma intenção de ofender, a própria fala magoou muito os outros (fantasias suscitadas a partir da proposta de uma conversa de dois ou três minutos!). Desta maneira, o grupo não realizou a proposta da “entrevista” a dois, mas nosso objetivo foi totalmente atingido, pois pudemos investigar o medo de falar (e ouvir) nesse grupo e, portanto, ganhamos *insight* no problema da “parte silenciosa do grupo”.

### **Últimas Palavras sobre Técnica**

O grupo operativo de aprendizagem pode ter enquadramentos muito diferentes em termos de local, duração, tarefa etc. É importante que o coordenador, ao iniciar o grupo, deixe claras todas as regras que forem as constantes do processo. O dispositivo do grupo operativo de aprendizagem é um grupo verbal cuja tarefa assume a forma de um tema para discussão. O coordenador normalmente não

participa da tarefa, ou seja, não entra na discussão, não participa do seu conteúdo, procura apenas ver a “estrutura” que o processo toma, tentando verificar o andamento dialético do grupo.

Se o grupo trabalha de modo a permitir o aparecimento e a superação das contradições tanto em seus aspectos racionais quanto emotivos o coordenador não tem necessidade nenhuma de intervir. Entretanto, se o grupo fica preso em um certo nível da espiral, se não é possível a superação dialética, ou seja, se há uma paralisia do movimento no grupo, espera-se que uma intervenção do coordenador possa ajudar a restabelecer o ciclo dialético. Lembramos que Pichon-Rivière acredita que as fantasias inconscientes seriam os obstáculos a esse movimento; nessa perspectiva, a explicitação dos conteúdos latentes seria uma forma privilegiada de atuação do coordenador. No entanto, o que caracteriza a intervenção adequada é seu caráter operativo, ou seja, a possibilidade de restituir o movimento dialético ao grupo, independentemente do modo ou conteúdo da intervenção.

## **Bibliografia**

ANZIEU, D.; MARTIN, J.-Y. *La Dynamique des Groupes Restreints*. Paris: PUF, 2000.

ARANHA, M. L.; MARTINS, M. .H. P. *Filosofando. Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

BLEGER, J. *Psicoanálisis y Dialéctica Materialista*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.

\_\_\_\_\_. *Psicohigiene y Psicología Institucional*. Buenos Aires: Paidós, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Grupos operativos en la enseñanza en Temas de Psicología (Entrevista y Grupos)*. Buenos Aires. Nueva Visión, 1999b.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1996.

FOULKES, S. H.; ANTHONY, E. J. *Group Psychotherapy: The Psychoanalytical Approach*. Harmondsworth, Baltimore, Ringwood: Penguin Books, 1965.

KAËS, R. *La Polyphonie du Revê*. Paris: Dunod, 2002.

\_\_\_\_\_. *Le Groupe et le Sujet du Groupe. Éléments pour une théorie psychanalytique du groupe*. Paris: Dunod, 1993.

\_\_\_\_\_. *Les Théories Psychanalytiques du Groupe*. Paris: PUF, 1999.

\_\_\_\_\_. *Un Singulier Pluriel: La psychanalyse à l'épreuve du groupe*. Paris: Dunod, 2007.

FABRIS, A. F. *Pichon-Rivière, un viajero de mil mundos*. Génesis e irrupción de un pensamiento nuevo. Buenos Aires: Polemos, 2007

LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LANGENSCHIEDTS. *Großwörterbuch*. Deutsch als Fremdsprache. Berlin, München: Langenscheidt, 1999.

LEWIN, K. *Resolving Social Conflicts, selected papers on group dynamics*. New York: Harper and Brothers, 1948.

MANIGOT, M. S. *El observador: fatigas y placeres en un itinerario complicado*. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1988 [transcrição de aula]

PICHON-RIVIÈRE, E. *Diccionario de Términos y Conceptos de Psicología y Psicología Social*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000a.

\_\_\_\_\_. *El Proceso Grupal. Del psicoanálisis a la Psicología Social (1)*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.

\_\_\_\_\_. *Teoría del Vínculo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000b.

TUBERT-OKLANDER, J.; TUBERT, R. H. *Operative Groups. The Latin-American Approach to Group Analysis*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2004.

Recebido em 10/05/2012

Aceito em 30/06/2012